

JOANA, A QUE FOI PAPISA



Luiz Guilherme Marques

Três coisas nos chamaram a atenção, como juiz - habituado a analisar as provas e argumentos dos processos - a fim de termos como certo que Joana existiu e que a Igreja Católica Apostólica Romana tem interesse em fazer passar a mentira de que ela não foi papisa ou, se for admitido seu reinado, que seja tida como bruxa devassa:

- 1 – não haveria razão para existir o feminino de papa se não tivesse existido alguma papisa;
- 2 – a Igreja Católica ter gasto, principalmente por seus historiadores oficiais, rios de tinta na afirmação de que Joana é uma lenda, pois ninguém combate um adversário fraco (há um ditado que diz: “Ninguém pisa em cachorro morto.”) e
- 3 – a utilização pela Igreja Católica de meios antiéticos impingindo-lhe o rótulo de bruxa devassa.

Essa estratégia da Igreja Romana é a mesma dos advogados experientes e que defendem a vitória da sua tese a todo custo: primeiro negam até fatos evidentes e, quando fica demonstrado que os fatos que negam são verdadeiros, passam a outra estratégia, a de tentar convencer o juiz de que aqueles fatos não devem ser embaixadores da condenação do seu cliente.

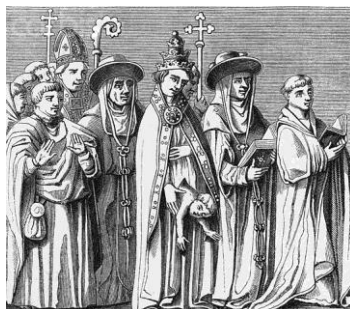
Em suma, no caso de Joana, a Igreja adota, primeiro, um plano A e, se não convencer, fica razoável o que traçaram no plano B.

Para vocês, caros leitores, entenderem o que estamos falando

sobre a estratégia demolidora da Igreja Romana, primeiro ela quer que vocês entendam que Joana não passa de uma lenda, mas, se tiverem certeza de que ela foi papisa, tenham-na como uma perigosa bruxa devassa.

Entenderam, caros leitores?

I



Quando ouvimos, há muitos anos, a professora primária falar que o feminino de papa é papisa nem imaginávamos que, um dia, iríamos escrever sobre a única papisa que existiu, ou seja, Joana (papa João VIII).

Aliás, a Igreja Romana atualmente nega peremptoriamente que houve essa papisa.

Mas alguém perguntará o porquê dessa negativa e a resposta é clara: desde que ela foi papisa e realizou um trabalho altamente renovador dentro do Catolicismo, sofreu a oposição ferrenha de um candidato derrotado na eleição, Atanásio, o qual escreveu um livro relacionando todos os papas, mas deixando-a de fora, ou seja, omitiu propositadamente seu nome no rol dos papas.

A biografia de Joana tem uma peculiaridade sem a qual não pode ser entendida pelos que ouviram falar no seu nome e na sua vida: para sobreviver no meio onde nasceu, que era altamente machista, disfarçou-se de homem e assim fez carreira dentro da Igreja Católica e, graças à sua inteligência e honradez, foi eleita papa, pelo povo, sob o nome de João, que seria o oitavo na sequência dos “Joãos”.

A certa altura do seu mandato altamente profícuo, depois que seus adversários ferrenhos conseguiram mostrar ao povo que se tratava de uma mulher, cortaram-lhe o poder, exonerando-a do cargo e riscaram seu nome de todos os registros.

Para a Igreja Romana isso sempre foi muito fácil de fazer, ou seja, fazer a “*morte histórica*” de algum personagem que a incomodasse, tanto quanto lhe foi sempre fácil e usual eliminar pessoas pelo envenenamento e outros tipo de assassinato. Muitos papas morreram envenenados ou de morte violenta, mas não vem ao caso relacionar aqueles mais conhecidos por esse tipo de morte.

Pois bem, vamos contar a vida de Joana e suas ideias.

Se formos nos apoiar nos registros católicos nada encontraremos em lugar algum e se nos basearmos nos seus historiadores oficiais ou

nos seus simpatizantes, o resultado negativo será sempre o mesmo.

Mas, como juiz que somos, conseguimos detectar a verdade, tal como o fazemos nos processos de nossa atribuição funcional e chegamos, digamos assim, a um veredito, o qual, se não abarca a verdade integralmente, conclui pela veracidade de muitos dados, deduzidos dos indícios, que são muitos, dentre os quais os escritos de muitos historiadores antigos, que viveram pouco depois de Joana.

Na verdade, muitos historiadores escreveram sobre ela nos primeiros anos depois do reinado dela, mas os que optaram pela tese negativa da Igreja Romana se apegam à afirmação de que eles acreditaram numa lenda e que não têm embasamento histórico para garantirem que houve uma papisa.

Em resumo, a Igreja Romana se julga na posse da verdade e quer continuar afirmando que *“fora da Igreja Romana não há verdade possível”*.

Mas, vamos raciocinar juntos: se a Igreja Católica fez (e faz ainda) tanta oposição a Joana é porque a considera perigosa para sua pretensão à hegemonia mundial.

A Igreja Romana sempre considerou as ideias de Joana arrojadas e não lhe convinha (e nem lhe convém atualmente) deixar nenhum rastro dessas ideias avançadas chegar ao conhecimento do povo.

Povo que pensa, questiona e todo questionamento é perigoso para quem quer dominar as massas.

Não somos ingênuos e, por isso, estamos convidando vocês, prezados leitores, a raciocinarem sobre os fatos e deduzirem a verdade.

Se, por exemplo, fazendo uma comparação, a Igreja Romana negou credibilidade ao Evangelho de Tomé é porque ele contém muitas verdades que contrariam seus interesses de poder.

Esse Evangelho é de uma profundidade tal que coloca em xeque muitas mentiras e meias verdades que justificam a dominação da Igreja Romana no mundo ocidental. Quem tiver a curiosidade de lê-lo verá como ele abre a cabeça das pessoas, mais do que os outros quatro, de Marcos, João, Lucas e Mateus. Por isso a Igreja Romana o tem como apócrifo.

Outro ponto que desagrade profundamente a Igreja Romana: a reencarnação. Se ela proibiu essa crença igualmente é porque os reencarnacionistas não aceitam o poder absoluto dessa instituição, que prega uma única existência e as condenações eternas.

E assim por diante. Mas voltemos a Joana, a que foi papisa.

Joana representou um dos maiores perigos para a posição política da Igreja Romana, pois daria às mulheres, que representam metade da humanidade, força para questionar muitas posições da Igreja, a qual acintosamente se diz representante do Cristo na Terra.

Imaginem as mulheres com os mesmos direitos que os homens.

Joana ousou enfrentar o poderio monopolizador dos homens e estes não aceitam ser questionados.

Joana teve a coragem de lutar pelos direitos das mulheres numa época em que elas serviam apenas para satisfazer a concupiscência masculina, criar seus filhos e prestar serviços domésticos.

Vejam o valor dessa mulher extraordinária, que entrou no “*olho do furacão*”, que era (e é) o Vaticano e, dali, impôs modificações importantes em favor do povo e, sobretudo, da população feminina.

Essa mulher tinha de acabar sendo eliminada e assim aconteceu realmente.

Não é assim que termina grande parte dos heróis da humanidade, como Jesus Cristo, Gandhi etc.?

Mas vamos por partes.

II



Quando nos veio à mente escrever sobre Joana, pensamos logo em verificar se ela teria tido contato com os intelectuais direta ou indiretamente ligados a Carlos Magno, ou seja, aqueles ligados ao chamado “*Renascimento Carolíngio*”.

Esse Renascimento foi tão importante que deixou marcas profundas em todas as áreas da civilização europeia a partir do século IX e possibilitou o Renascimento francês do século XII e, mais adiante, o Grande Renascimento, do século XVI.

Joana, afirma-se, nasceu no dia em que Carlos Magno morreu: isso é um dado muito importante e pedimos aos prezados leitores que pensem nisso.

Ela não conheceu Carlos Magno, mas, na certa, como grande intelectual, estudou tudo que pôde sobre ele e sua influência na Europa.

Deduzimos, assim, que uma personalidade do seu porte intelecto-moral não estaria à margem desse Renascimento, que não acabou na morte de Carlos, mas continuou, principalmente através das obras dos

seus seguidores, ou seja, os que estiveram ligados à chamada “Academia Carolíngia”, que se compunha de intelectuais de ideias avançadas.

Como dito, ela nasceu no dia da morte de Carlos Magno, o qual deixou um império de proporções gigantescas e que, quando em vida, formou um grupo composto pelos mais eminentes intelectuais da Europa, dentre os quais Teodulfo e Alcuíno, cujas biografias são das mais impressionantes daquele tempo da Europa medieval.

Vale a pena conhecer a atuação desses gigantes da Cultura europeia daquele tempo.

Coletando dados e realizando a análise de provas pelo bom senso e experiência profissional, pudemos ter como certa a afirmação de que Joana nasceu realmente em 814, como dizem alguns historiadores. Portanto, tinha sete anos quando Teodulfo morreu. Na certa, não conviveu com ele, mas deve ter tido acesso às suas obras.

Quanto a Alcuíno morreu dez anos antes de ela nascer.

Rábano Mauro morreu quando ela teria quarenta e dois anos, ou seja, quando já era papisa, mas, como grande intelectual e culta que era, deve ter lido seus livros e mesmo o conhecido pessoalmente.

Ermoldo Nigelo morreu quando ela contava vinte e um anos, sendo pouco provável que a tenha encontrado pessoalmente, pois ela ainda estaria na fase de sua formação intelectual. Pode, todavia, ter acontecido de terem-se conhecido, pois Ermoldo era muito culto e gostava de conviver com os intelectuais.

Quando Estrabo morreu ela contava trinta e sete anos. Também deve ter tido acesso aos seus escritos e talvez até o tenha conhecido pessoalmente.

Escoto era um ano mais novo que ela e lhe sobreviveu. Deve ter visto muitas coisas de sua autoria e tê-lo conhecido pessoalmente.

Eginhardo morreu quando ela nasceu, mas deixou uma obra respeitável, que ela deve ter lido.

Radberto nasceu antes dela e lhe sobreviveu. Deve ter tido contato com seus escritos, no mínimo.

Estaremos deduzindo equivocadamente ou forçando uma tese? O que os prezados leitores acham?

Mas temos boas razões para acreditar no que estamos tentando lhes mostrar, pois o número de intelectuais era reduzido, naquela época, uma vez que a imensa maioria do povo era totalmente analfabeta, e quem escrevia e se dedicava à Cultura era certamente

procurado pelos leitores mais qualificados, dentre os quais a nossa Joana.

Quando menina, em tenra idade, já manifestava uma precocidade que assombrou as pessoas que a conheciam, pois lia em grego e latim e, na certa, posteriormente, foi travando contato com os intelectuais e suas obras.

Assim, é possível (e quase certo) que tenha travado conhecimento pessoalmente com os seguintes intelectuais: Rábano Mauro, Estrabo, Escoto e Radberto.

Esses eram remanescentes da Academia Carolíngia.

Os prezados leitores perguntarão: - por que nossa preocupação em ligar Joana à Academia? Por que acreditamos que ela tenha feito uma “*carreira solo*”, sem nenhum contato com os intelectuais ligados a Carlos Magno? Não teria ela vivido como uma Teresa de Calcutá, ou seja, trabalhado apenas entre os pobres e doentes, aos quais procurava ajudar?

Mas vamos analisar tudo calmamente.

Não resta dúvida de que era muito culta, tendo começado seus estudos avançados, como dito, desde a mais tenra infância.

Com boas razões, não acreditamos que tenha ficado isolada, participando apenas da convivência limitada, primeiro dos familiares e, depois, dos colegas e professores das escolas onde estudou e, mais adiante, viveu apenas em função da filantropia.

Se assim tivesse sido, não chegaria ao papado.

Para início de conversa, quanto ao seu amplo conhecimento da Arte, da Ciência, da Filosofia e da Religião, podemos considerar o que afirmam determinados historiadores de que, desde criança aprendeu muito sobre as propriedades curativas de determinadas plantas, o que deve à sua mãe, que não tinha instrução formal, mas era muito inteligente.

Só isso já mostra sua facilidade para uma área importante do Conhecimento, o que lhe proporcionou vasta bagagem para exercer futuramente a Medicina.

Joana foi uma médica muito respeitada pelos seus grandes conhecimentos dessa especialidade.

Seus detratores dizem que ganhou destaque casualmente, sem merecimento, e tal se deu quando foi solicitada para tratar da saúde do papa, que estava com gota, mas que achava que estava à beira da morte.

Ela atendeu e curou-o, libertando-o do vício da bebida e impondo-lhe um estilo de vida saudável.

Essa amizade com o papa Leão IV acabou-lhe abrindo caminho para ser seu secretário particular.

Com a morte dele em 855 foi eleita papisa e reinou de 855 a 858.

A derrota na eleição de 855 fez com que seu concorrente, Anastácio, se tornasse seu inimigo capital e foi esse que, como dito, tendo escrito o primeiro livro sobre todos os papas até então, excluiu o nome de Joana (João) do rol dos papas.

Aí começou o “*imbróglio*”.

Não nos convenceu, todavia, a afirmação de alguns historiadores de que teria morrido apedrejada pelo fato de terem descoberto que era uma mulher.

Pareceu-nos que, realmente, viveu mais alguns anos, tendo ido para a Inglaterra com seu filho.

Anexamos no início deste livro uma gravura em que aparece carregando seu bebê no colo.

Não seria mera invenção de um desenhista empolgado com uma lenda sem base.

Mas voltemos à questão de ela participar do círculo de intelectuais remanescentes da seleta “*Academia*” fundada por Carlos Magno.

Não se sabe se ela deixou escritos, mas acreditamos que sim, pois, como dito, era muito culta e, também, muito inovadora e, normalmente, os intelectuais escrevem e ela não seria uma exceção.

Seus escritos devem ter sido destruídos pelos seus opositores, pois representavam sério perigo se chegassem às mãos de outros inovadores.

Se for verdade que valorizou, como o fez realmente, muito o aspecto assistencialista, não é menos certo que se dedicou, por outro lado, ao seu próprio aprimoramento cultural e à concretização de importantes inovações dentro da Igreja Católica, então ligada demais aos poderosos e esquecida da sua grande finalidade de instruir o povo nas lições de Jesus Cristo.

É importante analisarmos o fato de alguns historiadores lhe terem imputado a prática de Magia Negra, o que podemos interpretar que era dotada da atualmente chamada percepção extra-sensorial, que algumas correntes chamam de mediunidade, ou seja, comunicava-se com os chamados “*mortos*”, mas isso era muito comum entre os

próprios membros da própria Igreja Católica. Aliás, vários deles foram perseguidos e alguns condenados à morte como bruxos, principalmente as mulheres.

Logo adiante os prezados leitores verão uma afirmação de um historiador baseado no famoso escritor e médico renascentista François Rabelais de que Joana escreveu um Tratado de Necromancia [*], ou seja, de comunicação com os chamados “*mortos*”.

Há quem diga que estudou em Atenas. Outros, querendo contradizer essa afirmação, com a intenção indireta de duvidar da sua vasta cultura, dizem que aquela cidade não tinha nenhuma expressão cultural naquela época, mas a verdade é que havia ainda lá um foco do Neopitagorismo, o qual é uma ideologia muito avançada, porque, inclusive, tem como um dos seus pontos centrais a reencarnação.

Devido ao grande empenho da Igreja Católica em apagar o seu nome dos seus registros históricos, fica, aparentemente, uma dificuldade quase intransponível para quem pesquisa sobre a papisa Joana.

Mas, voltamos a dizer, em outras palavras, que tanto quanto os historiadores se apoiam em hipóteses, também fazemos o mesmo, o que, por sinal, é muito válido, pois assim se faz a História, que não carece, de forma intransponível, de dados palpáveis, documentais, mas precisa, sobretudo, de percepção apurada dos que têm a coragem de raciocinar e expor suas conclusões.

Esses são os verdadeiros historiadores e sem eles não conseguiria a História afirmar quase nada.

Assim, acreditamos que nossa papisa manteve contato com alguns dos intelectuais renascentistas do século IX.

E qual a utilidade dessa afirmativa? Mostra que estava atendida com o que havia de melhor em termos de ideologia daquele tempo.

Afirma-se que foi professora das chamadas Artes Liberais. Isso é muito provável, pois iria sempre transmitir, principalmente aos pobres, que lhe ocupavam o coração, tudo aquilo que sua inteligência privilegiada lhe possibilitava aprender.

Outra situação que devemos analisar: não só acreditamos que tenha viajado muito, observando, aprendendo e ensinando, como também deveria transitar pelos grandes centros culturais e ali, naturalmente, travava conhecimento com seus afins pelo intelecto e pelo idealismo.

Dizem que estudou em Atenas, França e Inglaterra, o que temos

como muito provável.

Infelizmente, a preocupação de muitos historiadores católicos é tentar provar que ela não foi papa, mas isso debitamos aos interesses menores da Igreja Católica, preocupada demais em eliminar todos os que lhe atrapalhar o caminho para a dominação mental do mundo.

Esses historiadores trabalham para apagar as contribuições ideológicas da papisa.

Perguntamos: qual a missão que ela se propôs ao assumir o cargo máximo da hierarquia católica?

Não imaginamos que tivesse chegado ao papado simplesmente para se beneficiar do poder.

Alguns chegaram a dizer que queria enriquecer-se para ter um final de vida pleno de conforto e luxo, mas isso é o cúmulo do desrespeito.

Se não temos todas as respostas que os leitores gostariam de ter, podemos, todavia, deduzir que a arrojada e culta papisa introduziu no dia a dia do Vaticano as reflexões dos filósofos não só gregos e romanos como também as crenças ancestrais de países como o Egito, a Índia etc., onde incluiremos o Pitagorismo, o Platonismo etc.

Os católicos em geral acreditam-se com razão para dizer que ela não foi papisa e, se o tivesse sido, seu nome deve ser apagado, pois ousou disfarçar-se de homem, o que significaria desonestidade.

Mas qual a diferença que faz se a obra é boa se foi realizada por um homem ou uma mulher?

Onde está a justificativa para se discriminar as mulheres?

Acreditamos que foi uma poderosa médium, o que lhe facilitava o exercício da Medicina.

Foi uma médica famosa, realmente, pois, em caso contrário, não seria a médica do papa Leão IV.

Mas houve quem chegasse ao desprazer de taxá-la de devassa, dizendo que se relacionou com vários homens, sendo que inclusive há um filme, estrelado por Liv Ullmann e Franco Nero, onde ela é tomada como uma mulher que se dava a qualquer homem que lhe aparecesse pela frente.

Aliás, a Igreja Católica sempre usa esse tipo de argumento quando lhe faltam outros mais consistentes contra as mulheres.

Trata-se de uma acusação ridícula.

Os padres viviam na maior devassidão, mas as mulheres eram constrangidas à continência sexual e serviam apenas como amantes

desses devassos.

Joana teve seu grande amor, isso é verdade, mas somente a ele se entregou e dele recebeu um filho.

Isso representa um avanço e não um ponto negativo, pois a verdade é que o celibato compulsório é um grande erro, que a Igreja Romana adota na teoria, mas que transgride na prática, pois o número de abortos, estupros, homossexualismo etc. que se conhece nos seus arraiais é assombroso.

Até hoje têm sido desvendados casos graves inclusive de pedofilia no meio católico. Imagine-se naquele tempo, em que as Mídias não davam notícia desses descabros morais.

Joana era mulher saudável, teve um companheiro fiel e daí nasceu um filho. Qual o crime que se deve imputar a quem é normal e assume sua normalidade?

Somos francamente a favor dessa situação e achamos que ela não foi devassa, mas sim avançada para a época e o celibato obrigatório deveria ser abolido, ou melhor, nunca deveria ter sido instituído.

A imputação de prática de Magia Negra chega a ser risível. Se tivesse praticado Magia Negra teria sido condenada à morte.

Existe a Magia Negra, que visa o Mal, tanto quanto existe a Magia Branca, que está nos arcanos de todas as correntes religiosas. Quem, por exemplo, estudar o Cristianismo a fundo verá que Jesus Cristo e seus discípulos, tanto quanto muitos dos profetas eram poderosos praticantes da Magia Branca, que inclui a mediunidade.

Mas não iremos nos estender neste ponto, porque os que não admitem esta realidade não irão se convencer de que o profetismo não existiu apenas nos tempos bíblicos, mas existirá sempre.

Hoje mesmo há uma corrente profetista dentro do Catolicismo. Em suma, todas as religiões têm seus médiuns de várias especialidades. Os chamados “*milagres*” não são nada mais que isso.

Joana foi, na verdade, uma poderosa inteligência, dotada de uma ética muito acima da mediocridade do seu tempo e, principalmente, inovou em termos de verdadeiro idealismo num meio corrupto e desumano.

O Vaticano era um antro de devassidão, corrupção e frieza moral diante das necessidades prementes do povo europeu.

A consequência do arrojo de Joana foi a mesmo de Sócrates, Jesus Cristo e outros: a perseguição violenta.

III



Até agora os prezados leitores não tomaram conhecimento de todas as falsidades que os detratores de Joana costumam afirmar sobre ela.

Iremos transcrever o que a Wikipédia informa em https://pt.wikipedia.org/wiki/Papisa_Joana:

“A Papisa Joana teria sido a única mulher a governar a Igreja durante dois ou três anos, segundo uma lenda que circulou na Europa por vários séculos. É considerada pela maioria dos historiadores modernos e estudiosos religiosos como fictícia, possivelmente originada numa sátira antipapal.

Lenda da Papisa Joana

A lenda aparece pela primeira vez em documentos do início do século XIII, situando os acontecimentos em 1099. Outro cronista, também do século XIII, data o papado de Joana de até três séculos e meio antes, depois da morte do Papa Leão IV, coincidindo com uma época de crise e confusão na diocese de Roma. Joana teria ocupado o cargo durante dois ou três anos, entre o Papa Leão IV e o Papa Bento III (anos de 850 e 858).

Versões

A história possui várias versões. Segundo alguns relatos, Joana teria sido uma jovem oriental, nascida com o possível nome de Giliberta, talvez de Constantinopla, que se fez passar por homem para escapar à proibição de estudar imposta às mulheres. Extremamente culta, possuía formação em filosofia e teologia. Ao chegar a Roma, apresentou-se como monge e surpreendeu os doutores da Igreja com sua sabedoria. Teria chegado ao papado após a morte do Papa Leão IV, com o nome de João VII. A mesma

lenda conta que Joana se tornou amante de um oficial da Guarda Suíça e ficou grávida.

Outra versão - a de Martinho de Opava - afirma que Joana teria nascido na cidade de Mogúncia, na Alemanha, filha de um casal inglês aí residente à época. Na idade adulta, conheceu um monge, por quem se apaixonou. Foram ambos para a Grécia, onde passaram três anos, após o que se mudaram para Roma. Para evitar o escândalo que a relação poderia causar, Joana decidiu vestir roupas masculinas, passando assim por monge, com o nome de Johannes Angelicus, e teria então ingressado no mosteiro de São Martinho.

Conseguiu ser nomeada cardeal, ficando conhecida como João, o Inglês. Segundo as fontes, João, em virtude de sua notável inteligência, foi eleito Papa por unanimidade após a morte de Leão IV (ocorrida a 17 de julho de 855).

Apesar de ter sido fácil ocultar sua gravidez, devido às vestes folgadas dos Papas, acabou por ser acometida pelas dores do parto em meio a uma procissão numa rua estreita, entre o Coliseu de Roma e a Igreja de São Clemente, e deu à luz perante a multidão.

As versões divergem também sobre este ponto, mas todas coincidem em que a multidão reagiu com indignação, por considerar que o trono de São Pedro havia sido profanado. João/Joana teria sido amarrada num cavalo e apedrejada até à morte. Neste trajeto depois foi posta uma estátua de uma donzela com uma criança no colo com a inscrição "Parce Pater Patrum, Papissae Proditum Partum", conforme mais tarde 1375 atestado pelo "Mirabilia Urbis Romae".

Noutro relato, Joana teria morrido devido a complicações no parto, enquanto os cardeais se ajoelhavam clamando: "Milagre, milagre!".

Publicações

A história foi publicada pela primeira vez no século XIII pelo escritor Estêvão de Bourbon (m. 1261), frade dominicano e historiador, reportando-se a lenda ou história espalhada pelos séculos que o precederam (porém sem provas cabais).

Em 1886, voltou a ser difundida pelo escritor grego Emmanuel Royidios no romance A Papisa Joana, traduzido para inglês em 1939 pelo escritor Lawrence Durrell.

Mariano Escoto (1028-1086), historiador alemão e monge beneditino, recluso da abadia de Mogúncia, referindo-se a ela em sua "storia sui temporis clara, segundo ele:

“o papa Leão morreu nas calendas de agosto e foi sucedido por Joana, uma mulher, que reinou durante dois anos, cinco meses e quatro dias”.

Martino de Troppan, ou Martinus Polonus, padre dominicano, do século XIII, capelão papal, em Roma, em sua "Chronica Pontificorum et Imperatorum", diz que:

"Depois do papa Leão veio João Anglius, nascido em Mogúncia, que foi papa durante dois anos, sete meses e quatro dias e morreu em Roma após o que houve uma vacância no papado por um mês."

Sigeberto de Gembloux, monge beneditino (1030-1113), em sua "Chronica", escreveu:

“Houve rumores de que esse João era uma mulher e era conhecida como tal apenas por um companheiro que teve relações com ela e a deixou grávida. Ela deu à luz quando era papa. Por isso alguns historiadores não a incluem na lista dos papas”.

Oto de Frisinga (m. 1158), da realeza alemã e bispo de Frisingen, em dos seus sete livros de crônicas narra:

“Há uma interrogação a respeito de um certo papa, ou melhor, papisa, que não é incluído na lista dos papas de Roma porque era

uma mulher que se disfarçava de homem. Um dia, quando montava a cavalo, deu à luz uma criança”.

Godofredo de Viterbo, secretário na corte imperial, lá pelo ano de 1185, diz o seguinte:

"Joana, a papisa, não é contada depois de Leão IV".

Jean de Mailly, dominicano francês da cidade de Metz, no ano de 1250, em seu "Chronica Universalis Mettensis", diz:

"Há uma interrogação a respeito de um certo papa, ou melhor, papisa, que não é incluído na lista dos papas de Roma porque era uma mulher que se disfarçava de homem e a motivo de seus grandes talentos tornou-se secretário curial, cardeal e papa. Um dia, quando montava a cavalo, deu à luz uma criança".

Donna Woolfolk Cross; em seu "Pope Joan", editado pela Geração Editorial em 496 páginas, traz uma minuciosa narrativa sobre a história, os fatos antecedente e posteriores.

Martin le Franc, (1410-1461), poeta francês, originário da Normandia, reitor em Lausanne e um secretário do papa Nicolau V (1447-1455) e do antipapa Félix V, em seu poema "Le Champion des Dames", faz referência aos paramentos litúrgicos empregados por Joana.

Dennis Barton, em seu "Pope Joan", em uma descrição narrativa e pormenorizada.

Rosemary e Darroll Pardoe; em seu "A papisa Joana" "The female Pope: The mystery of Pope Joan" - The First Complete Documentation of the Facts behind the Legend; editado pela Ibrasa: São Paulo: 1990. Biblioteca Histórica, etc.; vol. 38; traz uma narrativa pormenorizada, com fontes épocas e ligações históricas.

Alain Boureau; "The myth of Pope Joan", editado pela "University of Chicago", em 05 de janeiro de 2001 - 385 Páginas.

Alexander Cooke, escritor protestante de Oppenheim, em seu "Johanna Papissa toti orbi manifestata", de 1616, que, em defesa à sua memória, voltou a enunciá-la nos calendários papistas, de onde ela até então era (e continua sendo) excluída.

Entretanto, à base dos fatos, o teólogo David Blondel, de Amsterdam em um escrito de 1647 e o filósofo alemão Wilhelm Leibnitz, além de enciclopedistas franceses, rotularam a história como falsa. Além destes, seguiram-se outros, como John Thurmaier, o "Aventino" (?-1534), de Abensberg, Baviera, em seu "Annales Boiorum"; Onofre Panvínio (?-1568), de Venenza, em seus escritos datados de 1557; Florimundo de Rernond, em seu livro "'Erreur populaire de la papesse Jeanne", editado em Paris em (1558), que aponta e enuncia as contradições relativas aos fatos sobre a existência histórica do papa Joana e o douto Ignaz von Doellinger e Joan Lockwood O'Donovan, em consideração ao fato consumado de "ser uma lenda", questiona o "onde" e o "por quê" dela ter surgido.

A 'The Catholic Encyclopedia' traz sobre o tema o seguinte resumo: "Depois de Leão IV (847-855), o inglês João (L. Anglois) de Mentz ocupou o trono papal por quase três anos, sendo ele, como alegado, uma mulher que, quando moça, foi levada a Atenas por seu amante com roupas de rapaz tendo ela aprendido as ciências dos gregos tão rápido que ninguém a podia igualar. Veio para Roma, onde aperfeiçoou seus conhecimentos, atraindo a atenção de homens estudados(...) e sendo finalmente escolhida como Papa. Ficando grávida de um dos seus atendentes de confiança, deu à luz durante uma procissão de São Pedro para o Lateran (Latrão), morrendo quase instantaneamente em consequência do parto".

Antes da Reforma Protestante, que expôs tantos erros da igreja romanista, este evento era crido pelos cronistas, bispos e pelos próprios papas. Segue a:

'The Catholic Encyclopedia': "Nos séculos XIV e XV, a Papisa era citada como personagem histórico, de cuja existência ninguém

duvidava. Ela teve seu lugar entre os bustos talhados que ficavam na Catedral de Siena. Sob pedido de Clemente VII (1592-1595), Joana foi transformada no Papa Zacarias. O padre João Huss, ao defender sua doutrina diante do Concílio de Constança, referiu-se a ela, mas ninguém questionou o fato de sua existência".

Investigação

Existem muitas controvérsias sobre esta história. Alguns historiadores tornaram-se partidários de sua veracidade, outros a contestaram como pura invenção.

Alguns céticos afirmam que o mito pode ter surgido em Constantinopla, devido ao ódio da Igreja Ortodoxa contra a Igreja Católica. O objetivo seria desmoralizar a igreja rival.

Outra vertente é de que este papa seria, na verdade, um eunuco que, por ser castrado, não foi eleito, mas antes rotulado de «mulher».

Outra hipótese é que, no século XIII, o papado tinha um grande número de inimigos, especialmente entre a Ordem dos Franciscanos ou a dos Dominicanos, descontentes com as diversas restrições a que eram submetidas. Para se vingar, teriam espalhado verbalmente a história da papisa.

Barônio considera a papisa um monstro que os ateus e os heréticos tinham evocado do inferno por sortilégios e malefícios. Florimundo Raxmond compara Joana a um segundo Hércules enviado do céu para esmagar a Igreja romana, cujas abominações tinham excitado a cólera de Deus. Contudo, a papisa foi defendida por um historiador inglês chamado Alexander Cook.

No seu libelo, o padre Labbé acusava João Hus, Jerônimo de Praga, Wiclef, Lutero e Calvino de serem os inventores da história da papisa, mas provou-se que, tendo Joana subido à Santa Sé perto de seis séculos antes do nascimento do primeiro daqueles personagens, era impossível que eles tivessem imaginado tal fábula; e que, em todo o caso, Mariano, que escrevera a vida da

papisa mais de 50 anos antes deles, não poderia tê-la copiado das suas obras. Eis uma asseveração transcrita de Labbé:

"Dou o mais formal desmentido a todos os heréticos da França, da Inglaterra, da Holanda, da Alemanha, da Suíça e de todos os países da Terra para que possam responder com a mais leve aparência de verdade à demonstração cronológica que publiquei contra a fábula que os heterodoxos narraram sobre a papisa Joana, fábula ímpia cujas bases destruí de um modo invencível".

Crônicas contemporâneas investigam a época do reinado de Joana. O principal argumento é que esses historiadores, sendo prelados, padres e monges, todos zelosos partidários da Santa Sé, tinham interesse em negar a ascensão escandalosa de uma mulher ao trono de São Pedro, devido à intensa misoginia característica da Igreja medieval.

Um dos sinais mais interessantes da existência de Joana é um decreto publicado pela corte de Roma, proibindo que se colocasse Joana no catálogo dos papas:

"Assim, acrescenta o sensato Launay, não é justo sustentar que o silêncio que se lançou sobre essa história, nos tempos imediatamente posteriores ao acontecimento, seja prejudicial à narrativa feita mais tarde. É verdade que os eclesiásticos contemporâneos de Leão IV e de Bento III, por um zelo exagerado pela religião, não falaram nessa mulher notável; mas os seus sucessores, menos escrupulosos, descobriram afinal o mistério..."

Genebrardo, arcebispo de Aquisgrano, afirma que, durante perto de dois séculos, a Santa Sé foi ocupada por papas de um desregramento tão espantoso que eram dignos de serem chamados apostáticos e não apostólicos, e acrescenta que as mulheres governavam a Itália e que a cadeira pontifical se transformara numa roca (armação de madeira das imagens dos santos-de-roca). E, com efeito, as cortesãs Teodora e Marózia dispunham, segundo o seu capricho, do lugar de vigário de Jesus Cristo e colocavam no trono de São Pedro os seus amantes ou filhos ilegítimos.

Outras lendas de mulheres na Igreja

Além da fábula da Papisa Joana, circulam diversas lendas sobre mulheres que teriam vestido o hábito sacerdotal. Uma cortesã chamada Margarida ter-se-ia disfarçado de padre e entrado para um convento de homens, onde tomou o nome de Frei Pelágio; Eugênia, filha do célebre Filipe, governador de Alexandria no reinado do imperador Galiano, dirigia um convento de frades, e não descobriu o seu sexo senão para se desculpar de uma acusação de sedução que lhe fora intentada por uma jovem.

A crônica da Lombardia, composta por um monge de Monte Cassino, refere igualmente, segundo um padre chamado Heremberto (que escrevia trinta anos depois da morte de Leão IV), a história de uma mulher que fora patriarca de Constantinopla:

«Um príncipe de Benevento, chamado Archiso, diz, teve uma revelação divina na qual um anjo o advertia de que o patriarca que ocupava então a sede de Constantinopla era uma mulher. O príncipe apressou-se a informar o imperador Basílio, e o falso patriarca, depois de despojado de todas as suas vestes diante do clero de Santa Sofia, foi reconhecido por uma mulher, expulso vergonhosamente da Igreja e encerrado num convento de religiosas.»

Tarô

Misteriosamente, a história foi imortalizada num arcano do Tarô, a segunda lâmina, «A Papisa», carta que representa a sabedoria, o conhecimento, a intuição e a chave dos grandes mistérios.

Cultura popular

*Papisa Joana é o nome de um jogo de cartas britânico. A mais antiga referência ao «Jogo da Papisa Joana» aparece no Dicionário Oxford de Inglês em 1732, embora não se tornasse verdadeiramente popular até ao século XIX. Henry Mayhew atesta em sua *London Labour and the London Poor* (1851) que este jogo se tornou «hoje raro».*

*O romance de 1866 intitulado **The Papess Joanne** (Η Πάπισσα Ιωάννα) trouxe fama mundial ao escritor Emmanuel Rhoides. Elaborado com brio literário sobre a lenda da papisa Joana, levou no entanto à sua excomunhão pela Igreja Ortodoxa Grega.*

*O filme **Pope Joan** foi lançado em 1972, com Liv Ullmann como Joana, com participação de Olivia de Havilland e Trevor Howard como Papa Leão.*

*Donna Woolfolk Cross escreveu em 1996 o romance **Pope Joan**, adaptado para o cinema (**Pope Joan**, que foi lançado em 22 de outubro de 2009 na Alemanha com o título **Die Päpstin**).*

*A lenda da Papisa Joana foi a base para a história de Giovanna da revista em quadrinhos do **Fantasma**, escrita por Ingebjørg Berg Holm, desenhada por Dick Giordano e publicada pela primeira vez em 2003.*

***Pope Joan** é o título de um dos poemas do poeta laureado Carol Ann Duffy A coleção **The World's Wife**.*

*O livro de 2006 **Sign of the Cross**, de Chris Kuzneski, propaga a lenda, descrevendo a papisa Joana como uma escriba inglesa que morreu pouco depois de se tornar papa ao dar à luz durante uma procissão pública, perante a multidão.*

*A lenda da Papisa Joana é contada no capítulo 34 da novela **Le Mystère des Dieux** por Bernard Werber.*

*Há uma canção de Randall Goodgame em seu álbum **Guerra e Paz** intitulada «**The Legend of Pope Joan**», sobre a lenda em si.*

Adaptações literárias

O material lendário sobre a mulher que ocupou o trono papal, despertou o interesse não somente em historiadores e teólogos, mas também em editores literários, teatrólogos, compositores, cartunistas, etc.

*Boccaccio, **Joana ânglica o Papade**, do livro **De claris mulieribus**, de 1374;*

*Dietrich Schernberg, **Spiel von Frau Jutten**, editado em 1485; depois em **Eislebener** 1565; reportado por Manfred Lemmers, em seus **Textos do final da Idade Média e início do período moderno** e por Erich Schmidt, Berlim, 1971 (drama em verso espiritual)*

*Hans Sachs **Historia de Joana Angélico, a Papisa**. Ed. por*

Adelbert von Keller. Biblioteca Associação de Litterarische Stuttgart Vol oitavo Tübingen 1874, pp 652-655.

Achim von Arnim, O Papa Joana - Peça Teatral. Berlim 1813 (drama romântico Universal)

Wilhelm Smets, O conto do Papa Joana rediscutido. pappers e Kohnen, Colónia 1829

Emmanouil Roidis, A Papisa Ioanna 1866

Paul von Friedrich, A Papisa Joana. Geschichte Ihre wahre. Aus d. Neugriech. Bergisch-Gladbach, Bastei-Lübbe 2000, ISBN 3-404-14446-5 (Estudo da Idade Média, romance histórico)

Ludwig Gorm, A Papisa Joana. Novela. Delfim-Verlag, Munique 1912

Bertolt Brecht, O Papa Joana: Tomo Vol 10 ISBN 3-518-40010-X (Peça teatral - fragmento)

Donna Woolfolk Cross, Papa Joana, em 1996 (romance histórico)

Papa Joana. Berlin, Ruetten e Loening, 1996, ISBN 3-352-00527-3

Klaus Völker (eds). Papa Joana, Um livro de leitura. Wagenbach, Berlim 1977, ISBN 3-8031-2031-4.

Adaptações filmográficas

Papa Joana (Pope Joan), com Liv Ullmann no papel-título, dirigido por Michael Anderson, Grã-Bretanha 1972

Papa Joana (Die Päpstin), com Johanna Wokalek no papel-título, dirigido por Sönke Wortmann, Alemanha/Grã-Bretanha 2009.

Adaptações para o teatro musical

Papa Joana, o musical com Sabrina Weckerlin como a atriz principal, Mathias Edenborn como Gerold, diretor: Stanislav Mosa, Compositor: Dennis Martin, Diretor Musical: Peter Scholz, Alemanha/Fulda 2011

Ver também

A Sacerdotisa

Lendas em torno do papado

Notas

"Ver - La statua della papessa Joana" em "Bollettino della Commissione Archeológica Comunale di Roma"; XXXV; 1907; pág. 82-95.

“Familiér esclarissement de la question, si une femme a esté assise au siège papal de Rome entre Léon IV et Benoit III”.

Referências

New MI and Kitzinger ES. Pope Joan: a recognizable syndrome. J Clin Endocrinol Metab, 1993

Obra citada - Döllinger, op. cit., p.34.

No coração da Idade Média: Os Dominicanos e a maestria Narrativa Alain Boureau

A present for a papist: or, The history of the life of pope Joan [taken]

vol 2 p7

imdb: Pope Joan

Donna Woolfolk Cross: Primetime Live

IMDB (2009-10-22). Pope Joan. Retrieved on 2009-10-22 from <http://www.imdb.com/title/tt0458455/>.

Bibliografia

Lachatre, Maurice. Os Crimes dos Papas - Mistérios e Iniquidades da Corte de Roma. São Paulo: Madras Editora Ltda, 2005. ISBN 85-7374-776-5

Donna Woolfolk Cross, Pope Joan: A Novel Ballantine Books, ISBN 0-345-41626-0

Clemente Wood, A mulher que estava o Papa , Wm. Faro, Inc., NYC 1931

Arturo Ortega Blake, Joanna Kobieta która zostala Papieżem ", Edit. Philip Wilson, 2006 Publicado em Warszawa, ISBN 83-7236-208-4 .

Alain Boureau, O Mito do Papa Joana, University Of Chicago Press, 2000 Publicado em Paris, como La Papesse Jeanne. A conta padrão entre os historiadores.

Lawrence Durrell, A história curiosa do Papa Joana. Londres: Derek Verschoyle, 1954. Livrentemente traduzido do grego Papissa Joanna de 1886, por Rhoides Emmanuel.

Peter Stanford, A Mulher-Papa. A busca da verdade por trás do mistério do Papa Joan, Heineman, Londres 1998 ISBN 0-434-02458-9 Publicado em os EUA como The Legend of Pope Joan: Em Busca da Verdade, Henry Holt & Company, 1999. A popularizada relato jornalístico.

Blanrue, Paul-Éric. La papesse Jeanne, mythe ou réalité?

Barthélemy, Charles. Erreurs et mensonges historiques. 1ère série. Paris, Ch. Blériot, 1876. "La papesse Jeanne", p. 1-37.

IV



O ditado popular “*Mentira tem pernas curtas*” é um dos mais sábios que se inventou até hoje.

Quem corrobora isso clara e indubitavelmente é o livro “*Santos & Pecadores – história dos papas*”, de Eamon Duffy, Cosac & Naify Edições Ltda., São Paulo – SP, 1998, que, depois de exaustiva pesquisa, relaciona todos os papas, mas não fala em nenhum papa (ou papisa) no período que vai de 855 a 858.

Vamos analisar com calma e racionalidade: depois da morte de Leão IV não aparece nessa obra monumental do professor inglês nenhum papa (ou papisa) e ele passa a mencionar, em seguida, o papa Nicolau I, que governou o Vaticano de 858 a 867.

Não se fala, em momento algum, naquela respeitável obra de História do Papado, em João (papisa Joana) nem muito menos em Bento III.

Entendemos, com base no bom senso e na nossa experiência profissional, que o ilustre historiador preferiu omitir-se, calar-se, “*fazer-se de morto*”, para não compactuar com a mentira forjada pela Igreja Católica do reinado de Bento III naqueles três anos.

Essa omissão do historiador inglês significa muita coisa e não é um fato irrelevante.

O britânico, professor da Universidade de Cambridge, sem o querer, acabou ajudando nossa tese, de que, de 855 a 858, quem governou o Vaticano foi João, ou seja, a papisa Joana.

Mas sigamos adiante, verificando como é ridícula a referência que alguém (que deveria ser processado por falta de ética) inseriu na Wikipédia sobre o reinado de Bento III naquele período.

Iremos interpolando nesse festival de mentiras as nossas indagações e comentários e sugerimos aos prezados leitores que façam o mesmo, nem que seja de si para consigo:

“Bento III (em latim: Benedictus III) foi papa entre 855 e 17 de abril de 858.

Estava em oração em sua igreja,

Perguntamos: não se deve considerar os leitores como tardos de inteligência para acreditarem numa “estória” sem pé nem cabeça como essa do reinado de Bento III. Não que esse sacerdote não tenha existido, mas nunca foi papa. Mas vamos adiante.

quando o povo de Roma o foi buscar em procissão e trouxe-o, relutante, para ser Papa.

Podemos até ironizar esse relato infantilista e com razão. “Coitadinho” de Bento III, que foi levado quase que à força para assumir o papado. Nunca houve, na História do Papado, tamanha manifestação de apoio quanto essa, pois o povo, a massa, a cidade de Roma em peso teria literalmente obrigado o acanhado, recatado, acabrunhado e humílimo prelado a tomar posse do cargo! É duro ouvir uma mentira desse calibre! Acreditamos que é de interesse geral saber quem inseriu esse tópico na Wikipédia, pois ela tem demonstrado imparcialidade e pretende ser uma enciclopédia comprometida apenas com a verdade verdadeira e não uma propagandista de uma corrente religiosa em detrimento da verdade. Aproveitamos a oportunidade para solicitar a quem de direito que seja retificado esse registro, pois é uma total inverdade. Avisamos a quem interessar possa que uma cópia deste livro será remetida à equipe responsável pela enciclopédia, a fim de que seja tomada a providência que almejamos, ou seja, que Bento III não seja tratado como sucessor de Leão IV. Podem até não afirmar que Joana não o foi, mas nunca dizer taxativamente que o sucessor de Leão IV foi Bento III.

Se não querem admitir o reinado de Joana não fabriquem uma verdade.

Apareceu depois o Antipapa Anastácio III, já afastado por Leão IV, mas que voltava agora, apoiado pelo belicoso conde de Vubio. Bento foi preso, despojado de suas insígnias e maltratado, mas o povo repudiou violentamente o intruso, que, vencido e preso, teve válido defensor no manso e humilde Bento. A população

toda, espontaneamente, fez jejum de três dias em desagravo a Deus. Penitência também fazia o imperador Lotário I, filho de Ludovico, o Pio, e neto de Carlos Magno: roído pelo remorso de haver guerreado e humilhado o próprio pai, recolheu-se como simples monge beneditino no mosteiro de Prüm, onde viria a falecer em 28 de Setembro de 855.

Que barbaridade! Que redação confusa! Que festival de mentiras descaradas!

Muitos cronistas de seu tempo descrevem-no como homem de grande inteligência, moderação e energia, dotado de vitalidade exuberante e incrível doçura até para com seus inimigos.

Parece até uma historieta para crianças: Bento III será um anjo em forma de gente! Nem Francisco de Assis seria tão virtuoso quanto esse papa!... É muito triste ver uma mentira ser propagada com tamanha desfaçatez!

Bento III foi benquisto nas cortes de França e de Inglaterra, até pelos gregos, mas defendeu com energia a validade do matrimónio no caso da princesa Ingeltrude. Morreu com fama de santidade em 17 de Abril de 858.

Se fosse verdade seu reinado teria sido o mais santo dos papas, se acreditarmos no rol das suas alegadas virtudes e pretensos feitos!

A Lenda da papisa Joana

Antes do pontificado deste papa, é suposto a existência do mandato da Papisa Joana. Porém este facto é tido como uma lenda medieval, de origens diversas, mas que os registos históricos contradizem:

Entre Leão IV e Bento III, onde é suposto por Martinus Polonus - o pontificado de Joana - não se pode inseri-la, pois Leão IV morreu em 17 de julho de 855, e imediatamente após sua morte Bento III foi eleito pelo clero e pelo povo de Roma, só que devido o advento de um antipapa na pessoa do cardeal deposto Anastasius, ele não foi consagrado em 29 de Setembro.

Se o contribuidor da Wikipédia disse linhas atrás que o papa naquele período foi Bento III, não dá para entender por que teria de acrescentar uma afirmação sobre a inexistência da papisa Joana.

Se queria escrever sobre Joana que o fizesse em item próprio da enciclopédia. Não seria mais lógico assim? Fazer um “*gancho*” para desmoralizar a papisa Joana ficou muito feio e mostra a má fé de quem redigiu a nota e, digamos a verdade, a má fé do próprio pessoal da Wikipédia, que deveria ter excluído a informação sobre Joana, pois não deve aceitar a inserção de informações tendenciosas, maliciosas, imorais, digamos assim.

Convidamos os prezados leitores a raciocinarem conosco: quem tem certeza de um fato não precisa perder tempo em provar que a tese contrária é incorreta. A verdade se afirma por si mesma. Assim, ninguém precisa escrever uma série enorme de livros para provar, por exemplo, que a Mula sem Cabeça e o Saci Pererê não existem...

Escreveu-se muito a favor do reinado de Joana logo depois de sua morte e durante os séculos seguintes e a maioria dos historiadores de séculos atrás tinha como certo seu reinado.

Depois que a Igreja Romano sentiu o perigo do reconhecimento público do fato de uma mulher ter governado o Vaticano é que passou a investir pesado em tentar apagar o nome dela para sempre, mas a verdade acaba aparecendo.

Como dito linhas atrás, o grande erro estratégico da Igreja Romana foi inserir Bento III no lugar de Joana. Se tivesse simplesmente deixado em branco aquele período teria se saído melhor, mas o mentiroso acaba cometendo algum deslize e, no caso, foi se empolgar e afirmar um fato ao invés de simplesmente omitir-se. Acreditou demais no seu poder de persuasão e aí se deu mal.

Não é assim que os mentirosos falham sempre?

Se a Igreja Católica tivesse realmente certeza de que Joana nunca foi papisa não estaria afirmando que ela não existiu: teria, no máximo, dito alguma coisa e pronto, mas não ficaria insistindo tanto em tentar provar que ela não passa de uma lenda. Estão tentando conven-

cer a quem? Achrom que as pessoas não são inteligentes e podem ser enganadas facilmente? Ou pensam que todo mundo aceita uma falsa verdade simplesmente porque tem medo do poderio político da Igreja Católica? Já passou o tempo do Santo Ofício. Nenhum de nós tem receio de ser excomungado, porque pessoalmente, por exemplo, não somos católico. Queremos a prevalência da verdade histórica seja ela qual for.

Os estudiosos formam dois partidos a respeito de Joana: uns afirmam seu reinado de 855 a 858 e, com isso, desagradam a Igreja Romana, enquanto que outros compactuam com a Igreja, mas, no máximo, afirmam que não houve nenhum papa naqueles três anos. Mas é muita ousadia inventar que Bento III foi papa durante aqueles três anos!

Há moedas com a imagem de Bento III e do imperador Lotário I, que morreu em 28 de setembro do ano de 855. Portanto Bento deve ter sido reconhecido como papa antes desta data.

Não estamos brincando de contar “estórias”, mas sim lidando com a procura da verdade. Brincar de contar “estórias” não parece ser o propósito da Wikipédia e nem é o nosso.

Se apresentamos determinadas teses o fazemos dentro da mais estrita lógica e sem nenhum interesse em levar vantagem, o que, aliás, não é o caso dos historiadores que negam o reinado de Joana.

Em 7 de Outubro do ano de 855, Bento III emitiu uma carta para o mosteiro de Corbie.

Hinemar, arcebispo de Reims, informou Nicholas I que um mensageiro que fora enviado a Leão IV soube da morte deste papa e, portanto, entregou sua petição para Bento III.

Todas estas testemunhas provam que as datas constantes na vida de Leão IV e Bento III estavam corretas e que não houve interrupção na linha de sucessão entre estes dois papas, de modo que não haveria lugar para suposta papisa.”

As informações sobre Bento III e seu reinado parecem aquelas historietas escritas para as crianças sobre a vida dos santos. São vagas,

repetitivas, infantis, em suma. Agora, para efeito de comparação e demonstração de que são mero expediente enganador, vejamos o que se registrou sobre o antecessor e o sucessor de Joana.

Vejam os prezados leitores a quantidade de informações sobre a pessoa e a gestão do antecessor - Leão IV - e comparemos, na nossa mente, com as informações vagas (que constam acima) sobre Bento III:

“Leão IV (em latim: Leo IV) foi consagrado papa em 10 de Abril de 847. Morreu em 17 de julho de 855.

Nasceu em Roma, onde foi educado no Mosteiro de São Martinho. Era monge beneditino. Fortificou com altas muralhas a colina do Vaticano e a zona em torno da basílica de S. Pedro, que tinha sido saqueada pelos sarracenos, criando a "Cidade Leonina". A fim de obter maior proteção consagrou imperador Luís II, o Jovem. Confirmou aos venezianos o direito de eleger o Doge.

Foi o primeiro pontífice que pôs data nos documentos oficiais.”

(https://pt.wikipedia.org/wiki/Papa_Le%C3%A3o_IV)

Agora vejamos o que a Wikipédia registra sobre o sucessor - Nicolau I:

“O Papa Nicolau I (cerca de 810 - 13 de Novembro de 867) foi papa entre 24 de Abril de 858 até à sua morte. Nasceu em cerca de 810.

É lembrado por ter consolidado o poder e a autoridade papal, tendo reivindicado para o papa o poder supremo para ensinar e governar, subordinando a todos. Com tal intuito, encontrou opositores que lhe causaram problemas, sendo a primeira delas com o arcebispo de Ravena, que quis tornar-se independente de Roma, mas que por fim se submeteu. Outro problema proveniente de sua tomada de posição a recusa em anular o casamento de Lotário II do Sacro Império Romano, de modo a este casar-se com a sua amante, Waldrada em 862. Um sínodo reunido em Metz justificara a separação, mas em 863 Nicolau cassou a decisão do sínodo por atentar contra a doutrina fundamental da indissolubilidade do

matrimônio. Apesar de pressão por parte dos Carolíngios, a sua decisão permaneceu. Durante o seu papado, as relações com o Império Bizantino sofreram alguns revezes devido ao apoio que deu a Inácio, patriarca de Constantinopla, que tinha sido substituído por Fócio (Photius).

Foi um dos mais notáveis papas dos primórdios da Idade Média, seus contemporâneos o consideravam um profeta. A par de São Leão Magno e de São Gregório Magno, o Papa Nicolau I, recebeu o nome de Magno; e também é venerado como santo com o nome de São Nicolau Magno. Seu dia festivo é 13 de novembro.”

(https://pt.wikipedia.org/wiki/Papa_Nicolau_I)

V



Um livro importante para o nosso estudo o encontramos na Internet é a melhor fonte que encontramos e inserimos, em excertos, (com tradução nossa do francês para o português) para reflexão dos prezados leitores.

***A PAPISA JOANA – ESTUDO HISTÓRICO E LITERÁRIO POR
PHILOMNESTE...***

Gustave Brunet

Digitalizado pela Google

PRIMEIRA PARTE

CAPÍTULO PRIMEIRO

ALGUMAS PALAVRAS PRELIMINARES

[...]

CAPÍTULO II

PESQUISAS HISTÓRICAS

[...]

O protestante Blondel, que escreveu em 1654 (falaremos novamente nele), avançou mais que os antigos testemunhos a respeito de Joana, baseando-se numa obra de Radulphe de Flaix (Radulphus Flaviacensis), cômego que escreveu na França cinquenta ou sessenta anos após o acontecimento. [...]

Foi duzentos anos depois do reinado do equívoco de Joana que encontramos pela primeira vez uma referência mais extensa. Ela figura no Chronicon de Marianus Scotus, o qual, nascido na Escócia em 1028 e seu livro se estende até 1083; o que se lê ali é bem lacônico: “Léon, papa, morreu em agosto (853); João o sucedeu, o qual era mulher, durante dois anos, cinco meses e oito

dias.” [...]

Um contemporâneo de Marianus Scotus, Godefroy de Viterbe, morto em 1086, escreveu um Chronicon e, na lista dos papas se lê, entre Léon IV e Benoit III, a papisa Joana sem numeração.[...]

Um outro cronista mais ou menos daquela época, Sigebert de Gembloux, [...], foi mais explícito. No ano de 854, após ter mencionado a morte de Léon IV, disse: «O comentário é que esse João (do qual não se fez ainda nenhuma menção) era uma mulher identificada como tal [...] e que engravidou e deu à luz quando foi papisa. É por essa razão que não foi incluída na lista dos papas e silenciou-se sobre seu nome.»

Desçamos o curso do tempo e encontraremos Olton, bispo de Frisingen, morte em 1159, que, no catálogo dos papas [...] menciona Joannes VII foemina.[...]

Mas a lista de historiadores que falam na papisa Joana é extensa e vamos mencionar apenas seus nomes para não cansar os prezados leitores: Martin le Polonais, que foi bispo Cosenza na Calabre; o cardeal Gervais Riccobaldo, de Fenare; o cônego alemão Hartinus Hinorita; o padre saxão Siegfrid; o cônego inglês Raoul Ilygden; Pétrarque; Boccace; Dibdin; Jacques Zeyenger, de Koeniyshorm; Théodore de Niem; o dominicano alemão Koerner; Tiraqueau (que atribuiu a Joana um tratado de Necromancia); Rabelais; Félix Malléolus, cônego de Constance; o célebre chanceler da Universidade de Paris, Jean Gerson; etc. etc.

VI



A mediunidade de Joana é um fato e o tratado de comunicação com o mundo extra físico (Tratado de Necromancia) é uma prova dessa assertiva.

Realizava muito no campo do exorcismo (assim chamado pela Igreja Romana), o que foi relatado no livro cujos excertos inserimos linhas acima.

Em suma, levou para dentro do Vaticano, junto com outros aliados, a oportunidade de enxergarem a verdadeira luz que se irradia da Mensagem de Jesus Cristo.

Infelizmente, muitos não quiseram optar pela auto reforma moral e continuaram a correr atrás do poder e dos interesses materiais, mas a lua brilhou naquele espaço dominado pela corrupção e pela maldade.

A História do Papado mostra o que representa aquele foco de todas as falhas humanas.

Se os prezados leitores quiserem conhecer a verdade sobre a Igreja Romana pesquisem a biografia dos papas.

Joana foi uma luz que brilhou naquele ambiente contaminado pelo Mal, mas foi apagada pela força da violência.

Não importa se morreu de uma forma ou de outra, porque o que valeu foi a mensagem que transmitiu com sua exemplificação de Amor Universal.

Depois que lhe tomaram a tiara chamaram-na de bruxa e devassa, mas assim acontece com que incomoda pela retidão moral.

Como mulher não pecou por exercer a sexualidade com seu

único amor, mas pecaria se tivesse procedido como os falsos moralistas O fazem: escondidamente entregam-se a todas formas de perversão com o primeiro ou a primeira que aparece.

Fica a lição de Joana, a que foi papisa, mas, acima disso, foi uma idealista, que lutou pela valorização das mulheres, pelo respeito humano, pelo exercício da mediunidade, que Jesus praticou e ensinou, e muitas outras lições que vocês, prezados leitores, viram repetir-se depois em figuras como Francisco de Assis, Teresa de Calcutá, Irmã Dulce etc. etc.

FIM

NOTA

[*] *A necromancia ou nigromancia (necro do gr.cl. νεκρός (nekrós) "morte" e mancia de μαντεία (manteía) "adivinhação") é a suposta arte de adivinhar o futuro por meio da evocação dos mortos ou dos espíritos, até pelo controle dos restos mortais que pertenceram a outras pessoas, podendo referir-se à feitiçaria ou magia negra.*

Necromancia na literatura

São práticas que encontram registros em diversas civilizações, muito comum entre os gregos e egípcios, também é referenciada negativamente na Bíblia.

A Tábua Ouija (também conhecida como "brincadeira do copo" ou "telégrafo dos mortos") é amplamente utilizada por espiritualistas na prática da suposta comunicação com os mortos.

No livro "A Batalha do Apocalipse" do escritor Eduardo Spohr, a personagem Shamira, a feiticeira de Endor é uma necromante.

Na série American Horror Story: Coven, a bruxa vodu Marie Laveau, possui o dom da necromancia.

Na trilogia "O Hobbit", do realizador Peter Jackson, o personagem Sauron é um necromante.

(<https://pt.wikipedia.org/wiki/Necromancia>)